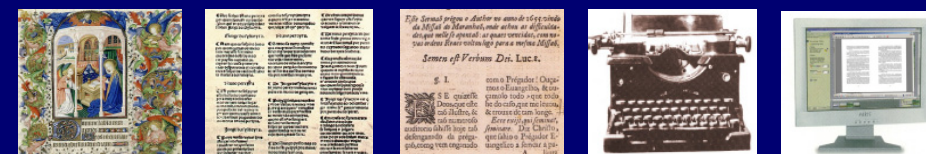


Dezembro de 2010

Revista de Letras

9

# Revista de Letras



9

Série II  
Dezembro  
de 2010



Departamento de Letras, Artes e Comunicação  
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro  
Apartado 1013  
5001-801 Vila Real — Portugal

CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO  
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

## ÍNDICE

|  |     |
|--|-----|
| Nota Introdutória<br><i>Carlos Assunção e José Esteves Rei</i> ..... | 7-9 |
|--|-----|

### LINGUÍSTICA

|  |         |
|--|---------|
| <i>Yerbas i árboles de la Tierra de Miranda: nomes, mezinhas e outros usos</i><br><i>António Bárbo Alves, Margarida Telo Ramos e Ana Maria Carvalho</i> .....                                    | 13-35   |
| Pedro José da Fonseca: contributos para a categorização do nome em<br><i>Rudimentos da Grammatica Portugueza</i><br><i>Sónia Coelho</i> .....  | 37-48   |
| Aspetos do culto ibérico ou celta da serpente em zonas do Alto Douro<br>– Estudo etnolinguístico e simbólico<br><i>Rui Dias Guimarães</i> .....  | 49-61   |
| O ideário linguístico em <i>O Novo Methodo de educar os meninos e meninas</i><br>(1815) do vila-realense Frei José da Virgem Maria<br><i>Rolf Kemmler</i> .....                                  | 63-92   |
| Contributos para a análise da elipse lacunar ( <i>gapping</i> ) em<br><i>O Arquipélago da Insónia</i> e em <i>Sôbolos Rios Que Vão</i> ,<br>de António Lobo Antunes<br><i>Marina Rocha</i> ..... | 93-103  |
| Dos dois lados do Atlântico: cartas de conterrâneos mirandeses<br><i>Maria Olinda Rodrigues Santana</i> .....  | 105-120 |
| Os modos verbais nas gramáticas latino-portuguesas<br>de Manuel Álvares (1572) e Bento Pereira (1672)<br><i>Barbara Schäfer-Prieß</i> .....  | 121-153 |

### LITERATURA

|   |         |
|---|---------|
| Clouds, streams and paths: from seeing nature as kin to seeing nature as self<br>– an American journey<br><i>Isabel Maria Fernandes Alves</i> .....   | 157-166 |
| Caleidoscópio de histórias de encantamentos e encantados em narrativas<br>de crianças da Amazônia: um memorial para a literatura para a infância<br><i>Laura Alves e Armindo Mesquita</i> ..... | 167-175 |
| La comparaison de <i>L'Âne</i> de Lucien et <i>L'Âne d'or</i> d'Apulée<br><i>Maria Natália Sousa Pinheiro Amarante</i> .....  | 177-185 |

|  |         |
|--|---------|
| La dimora, il caffè, il villaggio: luoghi chiusi e istanza centrifuga<br>nella narrativa di Álvaro Guerra<br><i>Cesarina Donati</i> .....                        | 187-203 |
| Quando a História oficial se encontra com a Literatura:<br><i>O Segredo de D. Afonso Henriques</i> de Jorge Laiginhas<br><i>Henriqueta Maria Gonçalves</i> ..... | 205-219 |
| Marão: Rota do Sagrado em Teixeira de Pascoaes<br><i>Maria Luísa de Castro Soares</i> .....  | 221-233 |

## CULTURA

|  |         |
|--|---------|
| Gestão da paisagem classificada do Alto Douro Vinhateiro: 2001-2010<br><i>Natália Favvrelle</i> .....  | 237-250 |
| José Inês Louro e Mário Cláudio: devotos promotores da Língua e<br>Cultura Portuguesas<br><i>Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Alexandre António da Costa Luís</i> ..... | 251-263 |
| Vertentes do Douro, Uma Voz do Douro, Um Olhar para o Douro<br><i>Américo Teixeira Moreira</i> .....   | 265-269 |
| Douro, poema geométrico: vertente de sentido matemático<br><i>Maria Manuel da Silva Nascimento, Paula Catarino e Cecília Costa</i> .....                               | 271-283 |
| Caminhos-de-ferro em Trás-os-Montes no século XIX: das expectativas<br>ao esquecimento<br><i>Hugo Silveira Pereira</i> .....   | 285-304 |
| A Cultura Duriense na Poesia de António Cabral<br><i>Alina Maria Azevedo Sousa Vaz</i> .....   | 305-312 |
| A História n' "A Inaudita Guerra" de Mário de Carvalho<br><i>Maria Cecília de Sousa Vieira</i> .....   | 313-329 |

## COMUNICAÇÃO

|   |         |
|---|---------|
| As Gazetas: o nascimento do jornalismo moderno e a expansão<br>deste modelo informativo pela Europa<br><i>Susana Fontes</i> ..... | 333-345 |
| O género e a cortesia: diferenças entre homens e mulheres<br>em português europeu<br><i>Marlene Loureiro</i> .....                | 347-358 |

|  |         |
|--|---------|
| Cartas do meu rio, Douro, nas comemorações do centenário da República:<br>malhas que, por cá, a Pátria tece... |         |
| <i>José Esteves Rei</i> .....  | 359-379 |
| A recepção do Douro no Jornal <i>O Panorama</i>  |         |
| <i>João Bartolomeu Rodrigues</i> .....   | 381-394 |

### **DIDÁTICA DAS LÍNGUAS**

|   |         |
|---|---------|
| Literacia e mediação leitora                        |         |
| <i>Maria da Graça Sardinha e António Pais</i> ..... | 397-403 |
| Escola e Leitura: transversalidade e interação      |         |
| <i>Maria da Graça Sardinha e João Machado</i> ..... | 405-412 |

### **VARIA**

|   |         |
|---|---------|
| Recensão: <i>Paraíso Revisitado – Roteiro Poético Alfacinha e Duriense</i><br>de José Eduardo Rodrigues |         |
| <i>Henriqueta Maria Gonçalves</i> .....   | 415-421 |
| Recensão: <i>Ruivo-Tomate</i> de Rita Pinho Matos   |         |
| <i>Henriqueta Maria Gonçalves</i> .....   | 423-432 |

## ***Yerbas i árboles de la Tierra de Miranda:* nomes, mezinhas e outros usos**

*António Bárbolo Alves*

Centro de Estudos em Letras / UTAD  
abarbolo@gmail.com

*Margarida Telo Ramos*

Ecomuseu Terra Mater  
margaridatelo@gmail.com

*Ana Maria Carvalho*

Centro de Investigação de Montanha/ESA/IPB  
anacarv@ipb.pt

### **Résumé**

La région *Terra de Miranda* est connue à cause de la spécificité de quelques unes de ses manifestations culturelles, parmi lesquelles on doit évoquer, en tant que marque distinctive, la langue mirandaise. Un des défis qui se pose à toutes les langues c'est la façon comment elles sont capables de répondre au monde, en le nommant, en le disant, en le communiquant. Entre autres stratégies pour gagner ce défi on doit citer l'hypéronymie, comme un grand chapeau qui peut abriter d'autres catégories. Par exemple, le mot « arbre » peut désigner toute la forêt sans se rapporter à aucun arbre en particulier. Mais les langues ne se contentent pas de ce filet maille large. Chacune construit sa propre toile, à travers laquelle elles captent, séparent, ordonnent et filtrent le monde. C'est pour cela que l'univers change aussi avec chaque langue, puisque chacune structure et sépare d'une façon différente l'univers.

Les désignations traditionnelles, notamment les noms communs des plantes qui poussent et sont utilisées dans la *Terra de Miranda*, constituent justement un des bastions de la langue mirandaise. Dans cet article, à travers une approche pluridisciplinaire, nous chercherons à présenter ces désignations et l'importante qu'elles ont pour ces disciplines, en montrant aussi quelques savoirs, quelques usages et quelques coutumes en rapport avec ces plantes.

### **Resumo**

A Terra de Miranda é bem conhecida pela especificidade de algumas manifestações culturais ressaltando, como marca distintiva, a língua mirandesa. Um dos desafios que se coloca a todas as línguas é a forma como demonstram ser capazes de responder ao mundo, nomeando-o, dizendo-o, comunicando-o. Entre outras estratégias para vencer esse repto, destaca-se a hipernímia, como um grande chapéu debaixo do qual cabem muitas categorias. Por exemplo, a palavra “árvore” pode albergar toda a floresta sem se referir a nenhuma árvore em concreto. Mas as línguas não se contentam com esta rede de malha larga. Cada uma constrói a sua própria teia, através da qual captam, separam,

ordenam e filtram o seu mundo. É por isso que o universo muda também com a língua, porquanto cada uma estrutura e separa de uma forma diferente o universo.

As designações tradicionais, nomeadamente os nomes comuns das plantas que crescem e são utilizadas na Terra de Miranda, constituem justamente um dos bastiões da língua mirandesa. Neste artigo, através de uma abordagem pluridisciplinar, procuraremos apresentar essas designações e a importância que elas têm para essas disciplinas, mostrando também alguns saberes, usos e costumes ligados a essas plantas.

### **1. As línguas e o mundo: os nomes e as coisas**

As línguas vivem entre duas forças naturais e de sentido contrário. A primeira é comparável à organização das espécies na biologia: lançar no mundo palavras novas para que nada fique sem nome e nenhuma coisa fique sem ser nomeada; a segunda, é o número limitado de meios de que dispõem perante a infinitude das coisas e do universo. Como é que as línguas resolvem esta dificuldade? Todas o fazem de modo semelhante, da forma mais habilidosa e, ao mesmo tempo, a mais simples e evidente: dos seus meios limitados extraem tudo o que são capazes. Das palavras simples formam palavras complexas, compostas e derivadas, demonstrando assim a sua capacidade criativa, tendencialmente infinita.

Mas as palavras não são simples etiquetas que se colam à realidade. São percepções e construções mentais sobre as quais colocamos as nossas etiquetas. Ora, cada falante tem a sua liberdade de escolha e cada palavra pode conter ou transportar experiências individuais imperceptíveis para o nosso interlocutor. Por isso, para comunicar, precisamos de nos abstrair dos sentidos particulares de cada palavra, utilizando significados genéricos para que a comunicação seja possível. Por exemplo, quando ouvimos a palavra “árvore”, não precisamos de saber se se trata de uma amendoeira ou de um carvalho. O seu sentido é suficientemente vasto para poder acolher os conhecimentos, as ideias, as experiências, os sentimentos que, individualmente, cada um de nós tem dessa realidade. Se assim não fosse precisaríamos de palavras diferentes segundo a nossa experiência pessoal, o nosso gosto, o nosso humor. Mas isso tornaria impossível a comunicação e a compreensão, que é sempre o menor denominador comum entre todos os que escutam e se compreendem.

Assim, quando nomeamos as “árvores” sob uma mesma etiqueta, construímos no nosso pensamento algo que não existe na realidade. É adequada para todas as árvores mas não serve para reconhecer nenhuma. Mas as línguas não se contentam com esta rede de malha. Cada língua constrói a sua própria trama através da qual capta, separa, ordena e filtra o seu mundo. É por isso que o universo muda também com a língua. Cada uma estrutura e separa de uma forma diferente o universo, tornando-se impossível – e a experiência da tradução

mostra-o bem – sobrepor as palavras de uma língua para outra. As línguas, tal como os mapas e enquanto expressão da diversidade de culturas, guiam-nos na descoberta do seu mundo.

É sobre alguns destes princípios que assenta este trabalho. Propomos uma abordagem pluridisciplinar da língua e da cultura mirandesas, com incursões pela filologia, pela etnobotânica, mas também pelos saberes tradicionais onde se incluem quer as designações quer os usos e costumes ligados às plantas. Procuraremos, nas denominações comuns, em mirandês, de algumas ervas e outras plantas da região, desvendar um pouco da urdidura com que a língua envolve essas realidades para melhor as explicar, as compreender e as comunicar.

## 2. A Terra de Miranda: usos e costumes

A Terra de Miranda corresponde a uma região que, hoje em dia, coincide com o chamado Planalto Mirandês, ocupando parte dos concelhos de Mogadouro, Vimioso e Miranda do Douro, no extremo Nordeste Português. A planura, com uma cota média a rondar os 700 metros de altitude, prolonga-se por terras de Castela, só cortada, abruptamente, pelas profundíssimas falésias do Douro. Aproveitando este corte natural, onde o rio, milenar e sereno, foi cavando as suas impressionantes arribas, aqui se estabeleceu a fronteira política com a Espanha. É nestes afloramentos rochosos que se estriba o Planalto, deixando que as suas fragas se estendam, sequiosas, para mergulhar afoitamente no rio. Na solidez granítica do arribado crescem os carrascos (*Quercus ilex*, subsp. *ballota*)<sup>1</sup>, os zimbros (*Juniperus oxycedrus*) e, à medida que vamos subindo pelas arribas, aparecem pequenos sobreirais (*Quercus suber*), ladeados por bandos de tomilhos (*Lavandula pedunculata*, *Lavandula stoechas*, *Thymus zygis* e *Thymus mastichina*), de giestas (*Cytisus multiflorus* e *Cytisus scoparius*), de piornos (*Genista hystrix* e *Echinopartum ibericum*) e chaugarços (*Halimium umbelatum* subsp. *viscosum* e *Halimium ocymoides*) e também alguns cardos, sem esquecer as muitas plantas como a roseira brava (*Rosa canina*), a madressilva (*Lonicera etrusca*), a flor da raposa (*Paeonia broteri*) ou as abelouras (*Digitalis purpurea*), que em cada ano nos dão conta da exuberância primaveril desta região.

Nas dobras das arribas, onde o regaço da terra se abre em dádiva, as oliveiras (*Olea europaea*), plantadas em socalcos seculares, exibem o seu verde suplicante as enormes e fartas folhas de figueira (*Ficus carica*). Também elas, à semelhança das populações, foram conquistando terreno, deixando as arribas e ganhando raízes nas terras planas. Mas sabem que não podem subir muito

---

<sup>1</sup> Nomenclatura científica de acordo com a *Flora Iberica* (1986-2010) e Carvalho (2010).

porque o Inverno é duro e elas serão sempre mediterrânicas. Neste caminho foram seguidas pela vinha que, se ontem se restringia aos terrenos mais quentes do sul ou ao aconchego das arribas, hoje se encontra em quase todo o Planalto.

Aqui, em alguns vales, perto de riachos sazonais ou de águas subterrâneas, os freixos (*Fraxinus angustifolia*) exibem o seu verde vivo, de uma alegria infinita e profunda. Até há bem poucos anos tinham a companhia dos negrilhos ou ulmeiros (*Ulmus minor*) que hoje, padecendo as suas maleitas, já não conseguem atingir a idade adulta.

Em terrenos menos cultivados ou abandonados, somos surpreendidos por alguns matagais onde as folhas delirantes do carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) com a mais pequena brisa.

Mas, para além da diversidade florística, a região é bem conhecida pela riqueza da sua cultura, da sua etnografia, das suas raças autóctones e também da sua língua, o mirandês. Diz-se, neste idioma que “todas las yerbas ténen malzina”. Ou seja, todas as plantas servem para algo, nomeadamente para curar<sup>2</sup>. Pode não ser rigorosamente assim. Contudo, o ditado mostra-nos bem a importância que é atribuída às plantas que constituíram, durante séculos, a fonte medicinal por excelência.

A primeira prova desta importância é dada, aliás, pela forma mirandesa *malzina*, à qual corresponde o português *mezinhas*. Em mirandês ela tem, muito provavelmente, uma etimologia popular, formada a partir da palavra “mal”, porquanto se trata de remédios para combater os “males” ou “maleitas”. Embora se afaste da sua origem etimológica, *medicīnas*, mantém, porém, uma das características distintivas do mirandês, a conservação do [n] intervocálico, que sincopou em português no qual se incorporou, por epêntese, o som palatal homorgânico de [ĩ] para eliminar o hiato (< *mezĩ/as*). Vejamos então algumas dessas plantas cuja *malzina* é (re)conhecida.

### 3. Plantas medicinais

#### *Apuleios, apuleijos, Mentha pulegium*

Do latim *pulegium* e *puleium*, chegaram até ao mirandês as duas formas, *apuleijos* e *apuleios*, ambas com prótese de a-, fenómeno bastante comum em mirandês, que fica a dever-se à aglutinação da vogal final do artigo feminino, *la*<sup>3</sup>.

Os *apuleios*, em português “poejos” (< *pulegium*) e castelhano *poleo* (< *puleium*) são abundantes na Terra de Miranda, nascem e crescem junto aos cursos de água, servindo, em infusão, como remédio para as constipações.

<sup>2</sup> A fitoterapia é, sem dúvida, o mais antigo sistema de medicina do mundo e o mais utilizado por todos os povos, sem excepção.

<sup>3</sup> Veja-se, por exemplo, *apapoula* (port. papoila); *apeias* (port. peias); *apegar* (port. pegar).

***Azedas de la raposa, Umbilicus rupestris***

A Terra, como grande barriga que é, tem, obviamente, muitos umbigos, vestígios dos inumeráveis filhos que viu nascer. Na Terra de Miranda, no Outono/Inverno, ela usa estes *umbigos-de-Vénus*, plantas rasteiras da família *Crassulaceae* que, em mirandês, se conhecem como *azedas de la raposa*. As folhas, carnudas, apresentam uma depressão central no ponto onde estão ligadas ao caule que secam quando surgem as flores.

Outras das designações regionais são *azedões das paredes*, *bacielhos de las paredes* e também *bacelos*. As últimas formas estão muito próximas de algumas designações comuns em português *concelos* ou *coucelos*. A sua origem é provavelmente o latim *calicellus*, pequeno cálice ou pequeno copo, diminutivo do latim *calix*, *-icis*, o que nos reenvia directamente para a forma das suas folhas. Mas a alusão à raposa transporta-nos igualmente para a tradição oral na qual este animal, matreiro e manhoso, engana sistematicamente o lobo, mais forte e opressor. Para tal, não hesita em servir-se da mentira e do disfarce. Mas ela engana também os homens, é o terror dos galinheiros, finge-se morta para depois escapar ilesa e triunfante. Por isso, que melhor vingança para o ser humano do que enganar o enganador, dizendo-lhe que estas são as verdadeiras azedas, comestíveis e saborosas? Por outro lado, uma vez que as *azedas de la raposa* crescem em lugares solarengos, incluindo entre as pedras dos muros, elas podem igualmente ser associadas à raposa de quem se diz, na literatura oral e nas crenças populares, que está sistematicamente sentada ao sol, vigiando os humanos e à espera de dar o próximo golpe.

Quanto às propriedades medicinais, devido às suas características emolientes, sabemos que elas são utilizadas para amaciar e curar os calos. No entanto, é bem provável que também sirva para outros fins, nomeadamente para cicatrizar fissuras, feridas ou úlceras, tal como, aliás, o fazem lembrar algumas designações comuns, em castelhano: *hierba de bálsamo* e *hojas de curalotodo*.

***Fedigueira, Pistacia terebinthus***

A *cornalheira* ou *terebinto* é uma planta do género *Pistacia*, nativa da região mediterrânica. Na Terra de Miranda encontra-se sobretudo nas arribas do Douro, agarrada aos paredões ou crescendo do meio das fragas onde encontra um pouco de terra. Os frutos consistem em pequenas drupas globulares, de cor vermelha a negra quando maduros. Todas as partes da planta têm um forte odor resinoso e forma frequentemente “galhas” (uma espécie de tumores provocados por insectos) com a forma de “cornos”.

Os dicionários apontam a forma *fedigueira* como sendo um regionalismo transmontano, referindo igualmente que, etimologicamente, tem uma origem obscura. Contudo, parece-nos provável que a sua origem possa estar relacionada

com o seu cheiro forte e desagradável, provindo do latim *\*foeticosus*, a partir de *\*foeticus*, por *foetidus* (fétido).

Quanto ao seu uso, informaram-nos que também tem alguma *malzinha*. Contudo, também não pudemos apurar, com rigor, qual, nem para quê. Parece que em algumas zonas se extraía uma goma/resina da casca com propriedades anti-inflamatórias e que se aplicava para aliviar dores musculares e reumatismo.

**Fenolho**, *Foeniculum vulgare*

O nome dado em mirandês a esta espécie herbácea, também conhecida, em português, por *anis-doce*, *erva-doce*, *maratro*, *finóquio*, *fiolho*, *fionho* ou *funcho*, é *fenolho*.

Nesta região, as grandes consumidoras desta planta são as pessoas de etnia cigana. Por isso, muitos aldeões atribuem-lhe características curativas, milagrosas, não hesitando em afirmar que é o *fenolho* que ajuda a curar todos os males de que, supostamente, os ciganos não padecem.

Tal como o nome português, mais comum, *funcho*, deriva da forma latina *fenūcūlu-*, em vez de *fenīcūlu-*. Conserva, contudo, o -n- intervocálico, característico e distintivo na evolução do latim para o mirandês<sup>4</sup>.

**Gamon**, *Asphodelus ramosus*

O *gamon*, plural *gamones*, é uma planta vivaz, robusta com folhas basilares, flores brancas dispostas em cacho que cresce geralmente nos lameiros, meio dos carvalhais e nos terrenos incultos. Nos lameiros “encosta-se” aos muros por causa do maneio que se faz.

Alguns dos nomes comuns, em português, são *abrótea*, *abrótea-da-primavera* ou *abraço-da-primavera*, podendo também ocorrer a designação *gamão*, que alguns dicionários registam como um provincianismo alentejano.

Seja como for, na Terra de Miranda, ela é exclusivamente conhecida por *gamon*, com o plural característico do mirandês *gamones*.

Registe-se ainda a sua ocorrência no topónimo e colectivo *gamonal* (lugar de gamões).

Quanto aos usos medicinais, a sua seiva utiliza-se para a cicatrização das impinges. Outra utilização, não medicinal, é para fazer brinquedos de crianças, nomeadamente as *boladeiras*, cata-ventos tradicionais elaborados com estes gamões, picos de silva e um pedaço de papel.

Nalgumas localidades, as inflorescências depois de secas, e à semelhança das silvas, foram utilizados para acender a candeia e também para alumiar as casas, antes de chegar a energia eléctrica. Também se conta que nos tempos de fome se fazia farinha das raízes subterrâneas de reserva muito ricas em glícidos.

<sup>4</sup> As “atribuições” evolutivas que a forma sofreu em português estão também presentes na forma castelhana “hinojo”, que muito embora derive do latim *fenucūlum*, foi buscar o “i” por confusão com o “i” de “hinojo” (*genucūlum* > *yenojo* > *hinojo*).

Relativamente à sua origem etimológica, os dicionários portugueses, tal como o da *Real Academia Espanhola*, consideram-no de “origem incerta”. Contudo, Xosé Lluís García Árias propõe, para o asturiano, onde a forma ocorre com o mesmo significado que na Terra de Miranda, uma etimologia que nos parece também adequada para o mirandês, com origem na forma latina *calamus* (cana), com passagem pelas formas *cá(r)amu* > *\*gá(r)amu* > *gamu*, sendo a forma *gamon* um aumentativo<sup>5</sup> (García Árias 2008: 226).

**Malba**, *Malva sylvestris*

Esta é, sem dúvida, outra das plantas à qual são atribuídas mais capacidades curativas devido às suas características medicinais, humanas e veterinárias.

A forma mirandesa é fiel ao latim *malva*, embora, tal como em castelhano, se tenha perdido a diferença entre /b/ e /v/ pelo que se optou por escrever sempre /b/. Segundo as informações que obtivemos<sup>6</sup> o cozimento de “malba” serve para lavar as feridas e também para ajudar no funcionamento dos intestinos. Informam-nos igualmente que “ye la raiç que ten malzina” e não as folhas ou caules. Contudo, noutras regiões, só se utiliza a parte aérea, ou seja os caules com folhas e flores.

**Monhicreiro**, *Digitalis purpurea*

Outra das plantas com “malzina” é este *monhicreiro*, também conhecido por *yerba de ls lhagartos* ou *abelhouras* (nome que ouvimos em Freixenosa). Esta designação corresponde, aliás, ao português *abeloura*<sup>7</sup>, em que é também conhecida por *dedaleira*, *erva-dedal*, entre outras. Esta diversidade de designações mostra, sem dúvida, a importância que lhe é atribuída pelas diferentes culturas. E é neste sentido que devemos encarar a variedade de nomes que encontramos também em mirandês, alguns deles bens elucidativos da criatividade popular: *monhicreira* ou *monhecreira*, *paçparroteira*, *conelhos*, *yerba de l coixo*...

Por exemplo, o nome mais comum – *monhicreiro* – resulta, certamente, da associação imagética entre a flor desta planta e uma “monheca” ou “monhecra”, ou seja, uma boneca. Curiosamente, em castelhano, onde se regista também uma

---

<sup>5</sup> Outra curiosidade ligada a esta planta é o facto de em asturiano ser conhecida por *pitaciega* (*em castelhano gallina ciega*), nome que, segundo García Árias, está relacionada com um jogo infantil que consiste em vendar os olhos a uma criança, geralmente com um lenço branco, que deve depois tocar os outros que participam no jogo. Ora, em mirandês, o jogo recebe o mesmo nome, sem que, no entanto, a planta tenha essa designação. Neste sentido, tratar-se-á de uma antiga designação cuja motivação etimológica se perdeu, em mirandês. Contudo, ainda assim, ela continua a unir-nos ao velho domínio ástur.

<sup>6</sup> Recolhidas em Freixenosa (concelho de Miranda do Douro), junto da Sr.<sup>a</sup> Clementina Rosa Afonso.

<sup>7</sup> Cândido de Figueiredo (1913) interroga-se se a designação “abeloira” ou “abeloura” não será por confusão com “abelhoira” uma vez que na sua flor “as abelhas se demoram, deixando uma substância melífera, que os rapazes procuram e apreciam.”

enorme variedade de designações<sup>8</sup>, não encontramos nenhuma com esta raiz ou motivação etimológica.

Quanto às suas qualidades terapêuticas, e ao contrário da *malva*, dizem-nos que no *monhiceiro*, *ye la fuolha que ten malzina, cura las feridas, basta poné-la a la bulta i yá stá*.

**Ruda**, *Ruta montana*, *Ruta chalepensis* e *Ruta graveolens*

Ao contrário da forma portuguesa em que se acrescentou o a- inicial, resultante provavelmente da aglutinação do artigo, o mirandês conservou a forma latina *ruta*, apenas com a sonorização do consoante lábio-dental /p/<sup>9</sup>. Com efeito, nas palavras iniciadas pela consoante bilabial p-, na forma “arruda” encontramos o fenómeno contrário, ou seja, a aférese por supressão do a- inicial.

Quanto aos seus poderes curativos, a “arruda” é utilizada em termos medicinais humanos e veterinários. Nos animais, usa-se, por exemplo, como desparasitante, para matar os piolhos das galinhas. Mas o ditado popular é bem claro: *Gramma i ruda cúran sarna de burra*.

Nos humanos era tradicionalmente utilizada para sarar (radicalmente) a dor de dentes, para o que se serviam de um pano de linho ensopado em água fervida com a planta, colocavam-no na cara até fazer cair o dente.

#### 4. Plantas comestíveis

Os produtos da terra foram, durante muito tempo, a principal fonte de alimentação do homem mirandês. A carne e o peixe eram raros na maior parte dos lares e, como se diz, serviam apenas para “fazer saber”, ou seja, para dar sabor a outros alimentos. Mas, tradicionalmente, quando a escassez de alimentos era maior, havia uma grande variedade de plantas que ajudavam a superar ou mitigar essa penúria.

Por outro lado, quando se permanecia nos trabalhos do campo durante várias horas ou mesmo todo o dia, havia uma maior necessidade de recorrer a plantas selvagens como alimento. Delas se comiam os tubérculos, as vagens, os rebentos ou folhas, sendo que, muitas delas continham nos seus órgãos comestíveis elevados teores de açúcares/glicídicos (por exemplo amido) e, por isso, saciavam a fome.

Muito do conhecimento sobre essas ervas está, pensamos, irremediavelmente perdido, trocado, seja pelas transformações sociais, seja pelo desaparecimento das espécies, seja por desconhecimento. Vejamos alguns exemplos, começando por algumas que serviam de alimento sobretudo aos humanos.

---

<sup>8</sup> Vejam-se algumas: *dedalera*, *digital*, *cartucho*, *calzones de zorra*, *chupamieles*, *guante de Nuestra Señora*, *San Juan*, *guantelete* ou *viluria*.

<sup>9</sup> Cf. *infra*, *apuleios*

**Alçafran, *Carthamus tinctorius***

O *alçafran* é uma planta da família das *Compostas*, como o são também os cardos e o girassol, utilizada na culinária para dar cor amarela ao arroz, doces e foliar. Embora com o mesmo nome comum e com uso semelhante, não tem nada a ver com o açafraão (*Crocus sativus* das Iridáceas) também cultivado e muito usado nas regiões do sul da Península Ibérica. Contudo, do *alçafran* usam-se as inúmeras flores miniaturizadas que, quando secas, são filiformes e de cor amarela intensa. Do *alçafran* apenas se usam os três estiletos e estigmas (parte feminina da flor), também filiformes e amarelos, que surgem no interior de flores bastante maiores e vistosas, de cor azulada. Actualmente é uma planta quase em desuso. No entanto, antigamente era muito comum o seu cultivo e utilização na confecção de doçaria em banquetes, havendo um ditado que diz “*ye tan cierto como l'alçafran nas bodas*” (é tão certo como o açafraão nas bodas).

Quanto à origem, não há dúvida que ela provém do árabe *az-zaHafrán* cuja primeira documentação histórica já sob a forma *açafrã* data do século XIII.

Relativamente ao prefixo al-, a sua ocorrência explica-se, certamente, pelo facto de se tratar de uma forma de origem árabe.

**Algrilhon, *Rorippa nasturtium-aquaticum***

Para a forma portuguesa *agrião*<sup>10</sup>, com uma etimologia duvidosa, José Pedro Machado (Machado: 1990) propõe o grego *ágrion*, neutro de *ágrios*, “que vive nos campos, campestre”; António Geraldo da Cunha (Cunha: 1986) indica como origem provável o latim *agrĭon* ou o latim vulgar *acrio*, *-ōnis*; Corominas (1991-1997) prefere regressar ao adjectivo do latim vulgar *acer*, *acra*, *acrum* (clássico *acer*, *acris*, *acre*), que está na origem de muitas outras formas romances. Ora, segundo este lexicógrafo, se a forma antiga era *agro*, a generalização de *agrĭo*, em castelhano, deve ter sofrido a influência do verbo *agriar*, resultante, provavelmente do latim vulgar *\*acriare* (formada independentemente do adjectivo, a partir do qual se desenvolveram *ampliare*, *bassiare*, *altiare*, etc.). Com efeito, as formas *agrão*, *agrom*, *agrões* coexistiam em português clássico com a forma actual *agriões*. Contudo, em mirandês, a etimologia torna-se ainda mais transparente nas formas *algrilhon*, *algrilhones*.

A existência, no moçárabe, das palavras *aqriyûn*, *aqriyûl* ou *uquriôn*, documentadas por Corominas (1991-1997), não parece ajudar muito para explicar a diferença inicial da forma mirandesa. No entanto, podemos aceitar a mesma explicação proposta por este autor para o *-l-* do castelhano *almendra* (< latim

<sup>10</sup> Para um aprofundamento da etimologia de *agrião* e das suas relações com outras línguas românicas veja-se Barros e Alves (2010).

vulgar. \**amýndŭla* (latim clássico *amygdála*), de origem grega, tal como em mirandês *almendra* mas em português *amêndoa*.

Na forma alrabaça (*Apium nodiflorum*), designando uma planta que cresce ao lado do *agrião*, nos pequenos regatos, vamos encontrar o mesmo -l- de *algrilhon* (cf. português *rabaça*). É assim que podemos ouvir as duas palavras neste ditado popular:

|                              |                            |
|------------------------------|----------------------------|
| <i>Quando l cuco canta</i>   | <i>Quando o cuco canta</i> |
| <i>I la boubielha pon</i>    | <i>E a poupa põe</i>       |
| <i>Amarga l'alrabaça</i>     | <i>Amarga a rabaça</i>     |
| <i>I queima l'algrilhon.</i> | <i>E queima o agrião.</i>  |

### **Bordelaga, *Portulaca oleracea***

A designação comum, em mirandês, tal como a castelhana *verdolaga*, leva-nos directamente ao moçárabe *berdiláqas̄*, e esta ao latim *portulāca*, por influência de *verde*<sup>11</sup>. Segundo José Pedro Machado, em presença do castelhano *verdolaga*, temos de admitir que o moçárabe *berdilaca* tomou, pelo menos, duas variantes regionais: \**berdoleca* (que explica a forma portuguesa *beldroega*) e \**berdolaca*, que explica a forma castelhana. Assim, também a forma mirandesa vem corroborar a existência dessas duas variantes, servindo a segunda como étimo para a referida designação.

Apesar de ser uma espécie muito comum em toda a região, não é usada, comumente, em todas as localidades. Contudo, em algumas, como a já citada Freixenosa, ela é bem conhecida e usada em salada.

### **Carniçuolo, *Astragalus cymbaearpos***

Semelhante na forma e homónimo do fungo (*Claviceps purpurea*) que se desenvolve na espiga de centeio e se designa também com este nome comum. Trata-se de uma vagem carnuda a que se dá o nome comum de *carniçuelos*, produzida por uma planta da família das leguminosas. Até há bem pouco tempo, era uma espécie de iguaria, muito procurada pelos mais pequenos.

O nome, aliás, mostra bem a sua importância alimentícia porquanto a sua etimologia, do latim *cornu-*, sofreu a clara influência da forma “carne”

### **Çapateta, *cuostelicas Astragalus pelecinus***

A designação *çapatetas* é atribuída às vagens de uma planta silvestre, da família das leguminosas que, tal como os *carniçuelos*, era muito apreciadas pelos mais pequenos.

<sup>11</sup> Segundo Corominas (1991-1997, I), no português *beldroega* há síncope. do -l- intervocálico e passagem de -a- a -e- pelo fenómeno fonético da imala, próprio de certos dialectos árabes. . ár.; f.hist. 1614 *beldroaga*, 1881 *beldroegas*.

A forma é comum ao português, grafada com s- inicial, *sapatetas*, onde é também conhecida por *senra*.

Em mirandês são igualmente conhecidas por *streilhas* e *cuostelicas*, sendo que ambos os nomes, mas também a designação *çapatetas*, estão claramente relacionados com a sua forma. O último em virtude da sua forma, semelhante a um “sapato raso”, os segundos devido à forma da vagem, cujas reentrâncias se podem assemelhar quer a uma estrela quer ao conjunto das costelas.

Mas é a sua forma fonética que levou ao nascimento do refrão infantil: *Nun comas çapatetas que te médran las tetas*.

**Lheitariega boteira, *Hypochoeris radicata***

A parte comestível desta *lheitariega boteira*, chamada *bota*, é uma espécie de inchaço que se desenvolve no caule de várias espécies herbáceas e que corresponde a uma proliferação celular e alteração histoquímica, tipo tumor de consistência também herbácea, eventualmente induzida como resposta a algum tipo de stress, como pode ser a picada de um insecto. É frequente em espécies do género *Hypochoeris* (também da família das compostas) conhecidas por *leitaregas*, *leitugas*, *erva-das-tetas*.

**Merujas, regagho, *Montia fontana***

As *merujas* encontram-se, na Primavera, em nascentes e ribeirinhos no campo. Nascem à sua superfície tal como nenúfares. Quando muito desenvolvidas começam a “espigar” ou seja, deitam flor indicando que já não estão no seu tempo de consumo. Estas pequenas plantas aquáticas, cujo paladar faz lembrar a terra, crescem em pequenos cursos de água e nascentes. Nascem espontaneamente, em toda a região.

A designação, com algumas variantes locais, *morujas*, *morugens*, entre outras, é comum em toda a região transmontana, e também nas regiões limítrofes, galegas e castelhano-leonesas, onde encontramos, entre outras, *boruja*, *coruja*, *pamplina*, *marusa*, *hierba de manantial*, *mariquita*, *orejillas*, *pamplina*...

Bem curiosa, e única, é a designação, em sendinês, para esta planta: *regagho*. A sua etimologia está certamente relacionada com *regajo* que, em castelhano, significa justamente um “charco que se forma num riacho”. É das pouquíssimas palavras mirandesas em que se pode ouvir este som fricativo velar surdo [X]<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Outros exemplos: *biegho* (nome e alcunha usado em Sendin); *manighero* (capataz de uma quadilha de trabalhadores); *miagha* (migalha; cf. Mirandês “forfalha”); *poteghjada* (de pote; sopa; sopialgo).

**Muolas, *Lathyrus sativus***

As *muolas*, em português, que não em Trás-os-Montes, *chícharos*, eram semeadas, tradicionalmente, com o grão-de-bico, sendo depois curadas e comidas em conjunto.

Devem o seu nome à semelhança imagética com as mós, dentes posteriores aos caninos, tal como acontece em castelhano em que, para além dos nomes comuns *almorta*, *chícharo*, *guija*, *tito* se regista também *muela*.

**Meligraneira, *Punica granatum***

A explicação etimológica popular pretende que a forma *meligraneira*, e o fruto *meligrana*, estão relacionados com o numeral mil, porquanto se trata de um fruto que, como se sabe, é constituído por muitíssimos grãos. Estamos, de facto, perante uma explicação que parece plausível mas que, em rigor, é uma falsa etimologia. Com efeito, tal como se conservou, por exemplo, no italiano actual, *melograno*, a palavra deriva directamente do latim e das formas *mela* (maçã) e *grano* (grão). Ou seja, etimologicamente, maçã com grãos.

**4.1 Plantas comestíveis para os homens e/ou animais**

Por certo que a máxima que se aplica às “*yerbas cun malzina*” se poderia também aplicar às plantas comestíveis. Mais do que qualquer outro alimento, as plantas silvestres constituíram, durante milénios, a base da alimentação das sociedades recolectoras. Muitas dessas plantas eram partilhadas, por assim dizer, pelos homens e pelos animais. Mas alguns desses hábitos e conhecimentos ancestrais chegaram também até nós e alguns continuam vivos. Vejamos, por isso, alguns exemplos:

**Barcego, *Stipa gigantea***

O *barcego* é uma gramínea que cresce espontaneamente nas arribas do Douro. Trata-se de uma planta que está verde durante o Inverno, altura em que a escassez de alimento verde faz com que, outrora, fosse muito procurada como alimento para os animais. Mas os rebentos que saem na Primavera são comestíveis, sendo conhecidos, na Terra de Miranda, por *pipotes*.

Cândido de Figueiredo regista a forma *barcéu* como um provincianismo transmontano, acrescentando que se trata de uma “erva rija e filiforme, de que se fazem esteiras e capachos”. O dicionário da Real Academia Espanhola regista também as formas *barceo* e *berceo*, como sinónimas de *albardin*, acrescentando apenas que se trata de uma palavra de origem pré-romana. José Leite de Vasconcelos (1900: 72), ao tratar do topónimo (Vila Chã da) Braciosa, refere também que o étimo não deve ser outro senão uma palavra correspondente

à espanhola *barceo* ou *berceo* (planta)<sup>13</sup>, sem no entanto acrescentar qualquer outra informação sobre a sua origem.

Registe-se igualmente que, em português se pode encontrar a designação *baracejo*, mas esta, provavelmente mais recente, resultante de *baraço* com o sufixo *-ejo*.

Corominas (1991-1997), por seu lado, refere que a forma é de origem desconhecida, provavelmente pré-romana. No entanto, menciona igualmente a hipótese de Menéndez Pidal (1941: 47b) que considera a possibilidade de a forma ser oriunda do baixo latim *\*vergegiu*, com evolução de *-rg-* > *-rz-*, através da forma *verzeo*, tal como se verifica no castelhano *arzilla* > *arcilla* (<latim *argilla*). Desta forma, não há dúvida que a existência, em mirandês, da forma *barcego*, vem reforçar e corroborar a possibilidade levantada por Menéndez Pidal e referida por Corominas com o *-g-* intervocálico.

#### **Gameta**, *Lens culinaris*

As *gametas*, em português *lentilhas*, ficaram famosas, na nossa civilização, desde que, nos Génesis (25, 29-34), Isaú vendeu ao irmão mais novo, Jacob, o direito de progenitura por um prato de *lentilhas*. Daí a expressão “vender(-se) por um prato de lentilhas”, significado de algo de pouco valor. Na Terra de Miranda, as *lentilhas* só se comem, mastigadas, quando estão verdes. Depois de secas, são guardadas, com o grão, para dar aos animais. Contudo, não há dúvida de que os grupos de trabalhadores sazonais que se deslocavam para Espanha, nomeadamente para ceifar, deviam comer muitas lentilhas. Talvez até as comessem em excesso, o que poderá ter motivado algum desprezo por elas. Por outro lado, tratando-se de um alimento tradicional para os animais, a progressiva mecanização da agricultura contribuiu também para o abandono da sua cultura. Refira-se, igualmente, que as lentilhas eram semeadas para “melhorar a qualidade das terras”, devido ao azoto que proporcionavam aos terrenos.

Em termos etimológicos, se a origem da palavra portuguesa é facilmente identificável como evolução do diminutivo latino *lentĭcula*, a fonte da forma mirandesa revela-se bastante mais difícil de encontrar. Registe-se, antes de mais, que alguns dicionários da Língua Portuguesa, apontam esta palavra como um “regionalismo transmontano”, como sinónimo de “lentilha”. Contudo, estamos em crer que é na região linguisticamente mirandesa que a palavra tem uma maior vitalidade, embora ela se estenda por uma zona muito mais vasta.

Uma vez que, como vimos, as “lentilhas” eram conhecidas, os mirandeses não adoptaram, como com muitas outras palavras, a forma castelhana “lenteja”. Em nosso entender isso fica a dever-se quer ao uso diferente que lhe é dado,

---

<sup>13</sup> O topónimo corresponde à localidade de Vila Chã da Braciosa.

quer à sua forma (em Espanha só as conheciam sob a forma de grão!), denunciando assim que a forma *gameta* tem uma origem pré-latina, talvez relacionada com a seu formato e a forma do latim vulgar *gamella*- (vaso para beber), oriunda do latim clássico *camella*. Mas esta não é, obviamente, mais do que uma possibilidade.

**Raba, remolacha, *Beta vulgaris***

Da forma latina *rave*, derivada de *rapa, ae*, variante de *rapum, i* significando nabo ou rábano, conservou-se em mirandês a palavra *raba*, ao contrário do português que incorporou, já no século XVII, a forma francesa *betterrave*, oriunda de *bette* (também com a variante *blette*) e derivada do latim *betta, ae*, acelga, e *rave* (< lat. *rapa, ae*).

Também aqui, a variante dialectal sendinesa do mirandês nos fornece um novo preciosismo lexicográfico incorporando e mantendo a forma *remolacha*, oriunda do castelhano, e esta, segundo o *Dicionário da Real Academia*, do latim *armoracium* que, por sua vez, deriva do gaulês *are more*, significando “perto do mar”.

As *rabas* são normalmente cultivadas nas hortas, aproveitando as bordas dos sulcos que levam a água para as leiras. As raízes tuberosas são utilizadas para alimentar o gado.

**Tomilho-burriqueiro, *Lavandula pedunculata* e *Lavandula stoechas***

O chamado *tomilho burriqueiro* (e também *tomilho burreinho*) é uma das plantas que, na época primaveril, mais cor confere às arribas do Douro embora, neste momento, ele se vá estendendo por outros terrenos onde outrora eram semeados cereais. Junto com as giestas, brancas ou amarelas, enchem de policromia os terrenos acabados de sair do Inverno.

Como o nome indica, estes tomilhos eram muito apreciados pelo gado asinino. Mas, tradicionalmente, tinha ainda um outro uso.

Eram cortados e picados, durante o Inverno, sendo espalhados nos caminhos, misturados com outras ervas, para serem transformadas em estrume e utilizadas para fertilizar as hortas e as vinhas.

Registe-se igualmente que a forma *tomilho* é utilizada, em mirandês, para designar outras espécies, às quais se acrescenta apenas uma sub-designação. É o caso do tomilho-senseiro (*Thymus zygis*, usado como condimento, ou o *tomilho-serrilho* (*Cistus salviifolius*).

**5. Outros usos agro-silvopastoris**

Dentro das muitas plantas e ervas com “outros usos” referir-nos-emos, apenas, às mais comuns da região com fins conhecidos e ainda em uso. São os casos da tecelagem, o fabrico de utensílios caseiros, agrícolas, musicais, entre outros. Veremos também alguns exemplos de “árvores” que, muito embora não

tenham uma utilidade conhecida, merecem um nome próprio o que significa, em nosso entender, que elas têm ou tiveram alguma utilidade específica.

**Ambude, *Oenanthe crocata***

O *ambude*, em português *embude* e também *ambudo*, é uma planta tipicamente ripícola, que cresce junto dos cursos de água. Esta forma tem, em português, significados diversos, designando, nomeadamente, um a) cadeado; b) uma criança doentia e c) a referida planta. José Pedro Machado coloca a questão se se tratará de uma forma convergente ou da evolução da mesma forma<sup>14</sup>. É uma planta tóxica, que não tem propriamente uma grande utilidade, embora as pessoas saibam que *faç mal a las crias* e que era utilizada para matar peixes. Com efeito, trata-se de uma espécie de cicuta (nome pelo qual, segundo José Pedro Machado, também é conhecida em português), que tem a particularidade de atordoar os peixes, de modo a apanhá-los depois à mão. O “veneno” encontra-se nas raízes, que lembram os dedos de uma mão, onde se concentram as substâncias tóxicas. Curiosamente até os animais herbívoros parecem “conhecer” essa toxicidade uma vez que a não comem.

Neste sentido, uma vez que os dicionários etimológicos consideram que a palavra é de origem obscura, talvez ela esteja relacionada uma das acepções semânticas que se conserva na forma castelhana *embudo*, engano, armadilha.

**Andrineira, *Prunus domestica***

As *andrineiras* (português *ameixeiras*, *abrunheiros*) tradicionais que se encontravam na Terra de Miranda, bordejando normalmente as vinhas ou as hortas são um fruto negro, quando maduro, de formato oval.

Segundo Corominas estamos perante uma velha palavra hispânica, derivada da forma latina *\*atrina* (ou *\*adrina*) e esta do latim vulgar [*pruna*] *atrīna* (do adjectivo *ater*, negro). A designação é comum ao castelhano, *andrina* e *endrina*. Quanto à forma portuguesa *ameixeira*, e uma vez que, nas localidades linguisticamente mirandesas podemos também ouvir *almeixeneira*, é formada a partir de *ameixa*+*-eira* e esta, por sua vez, provém do latim *\*damascīna-*, por *damascēna-* (ameixa de Damasco»). A presença do prefixo *al-*, tal como em *algrilhon* (agrião), *alrabaça* (rabaça), *almendreira* (amendoeira), *almendra* (amêndoa), deve-se, possivelmente, à imitação das palavras de origem árabe em *al-*, explicação que também é dada por Corominas para as formas castelhanas como *almeja* ou *almirante*.

---

<sup>14</sup> Para a forma *embude*, designando um funil o mesmo lexicógrafo aponta como origem o latim *\*imbutu* (de *embuere*), talvez pelo francês *embut*. O *Diccionario de la Lengua Española* (2001), da Real Academia, aponta, para o castelhano *embudo*, o latim [*traiectorium*] *imbūtum*, [canal] cheio de líquido.

**Anguelgue, *Acer monspessulanum***

O *anguelgue* é uma das árvores mais emblemáticas das arribas do Douro. A sua raridade e o seu verde exuberante, no meio das tonalidades pardas da outra vegetação, conferem-lhe uma beleza especial que se destaca no arribado. Para além disso, a dureza da sua madeira é especialmente apreciada para fazer as castanholas dos pauliteiros e também, quando cresce o suficiente, para os paus dos dançadores. Temos assim, de alguma forma, dois símbolos da cultura e da identidade mirandesas, presentes nos ramos desta árvore.

Os *Dicionários da Língua Portuguesa* registam, para esta espécie, a designação *zelha*. *Anguelgue* e *enguelgue* não constam em nenhum. Registe-se, contudo, que esta designação é comum ao outro lado da fronteira<sup>15</sup>, assim como em outras regiões limítrofes. Estaremos, por isso, perante uma palavra de origem pré-romana, que se conservou, como tantas outras na língua mirandesa.

**Apapoula, *Papaver rhoeas***

Para a etimologia da forma portuguesa papoila, é indicada como fonte provável, o moçárabe *habapáura*, derivado do latim *papāvĕrem*. José Pedro machado afirma que se na constituição da forma moçárabe interferiu a palavra árabe *habb* (grão de cereal, semente), na palavra portuguesa houve a influência de *papa*. Ora a forma mirandesa, com vogal inicial, *apapoula*, reenvia-nos directamente à origem moçárabe para a presença desta palavra fundadora, *habb*, partilhando ainda com o português a sequência *-pap-*.

Mas para além destas questões etimológicas e da beleza estética com que, nesta época, as *apapoulas*, brindam os nossos olhos, vale a pena ouvir esta adivinha, em mirandês:

Ye bormeilho, ten panteilho i un pericotico no meio.

E também esta história:

La apapoula cumo era guapa, dzie-le al trigo: Mira, cumo sou bien guapa, mil amigo. Berde i biçosa sou mais guapa qu'ua rosa. Mas nisto passala l labrador, l trigo anchie-lo d'afagos i a l'apapoula cortába-le la flor. Filhos, ye buono tener fermosura, mas ser baidosa nun tem bintura.

**Folharanço, albarino, choupo, *Populus alba***

O *folharanço*, *choupo* ou *albarino* é uma das árvores de maior porte que cresce junto a alguns cursos de água. Os três nomes ocorrem em mirandês embora, em rigor, possam, designar espécies diferentes. Antes de nos determos, ainda que brevemente, nestas designações, ouçamos uma pequena história:

<sup>15</sup> <http://caradurasweb.iespana.es/arribes.htm> (consultado a 14/05/2010).

L'auga, l'aire i la bargonha éran armanas. Un die, cada ua fú pu l mundo i dezírun cada ua assi. Diç l'auga: You se me pardi stou a la borda d'ua junqueira. L'aire diç: you se me pardi stou nun folharanço (a la punta de riba d'un albarino). I la bargonha diç: you se me pardi nunca mais me ancuntrais.

Segundo Machado (1990) a árvore recebe o nome choupo do latim \**popplu* por *populus*. O termo *albarino*, que consta aliás da sua designação científica, refere-se ao facto de a parte inferior das suas folhas ser branca, derivando por isso do termo *alba* (do latim, branco).

Quanto à designação *folharanço* parece-nos que ela está claramente relacionada com o facto, relatado na história acabada de contar, de as suas *folhas* estarem, ou aparentarem estar, sempre em movimento, sensíveis à mais pequena brisa.

Tradicionalmente a sua madeira era utilizada na construção, mas também, devido ao facto de ser macia e fácil de trabalhar, na elaboração de pequenos utensílios de cozinha, entre outros.

#### **Campaninas, *Narcissus bulbocodium***

A *campanina* é uma planta da família das Amarilidáceas, com flores amarelas em trombeta com o perianto por vezes tingido de verde. Espécie considerada como mensageira da Primavera, nasce nos lameiros e serve, a par do *romeiro* (*Rosmarinus officinalis*), para enfeitar os ramos do Domingo de Ramos.

Tem também um pequeno bolbo que, tal como os *pies de burro*, pode ser comido pelos humanos. Tal como a forma portuguesa provém (e é igual) à forma latina *campanina*, conservando os -n- intervocálicos

#### **Cemacre, cemaque, *Rhus coriaria***

Este arbusto, da família das Anacardiáceas, cuja casca e folha fornecem tanino, utilizava-se para *tenhir l pardo, cozido nua caldeira cun caparrosa* (tingir o pardo, cozido numa caldeira com caparrosa). Outrora poderá ter sido cultivado, mas hoje encontra-se geralmente no estado selvagem nas arribas do Douro. As suas folhas taníferas foram também outrora muito usadas, após secagem, no curtume de peles e de couro.

Na localidade de Sendim encontramos justamente o topónimo *Eiras del cemaque* local onde, outrora, se realizou esta actividade. A própria forma, *cemaque*, deve ser um castelhanismo (cf. castelhano *zumaque*).

#### **Faleito, *Osmunda regalis***

Os *faleitos* crescem junto dos cursos de águas, em pequenas depressões do terreno onde se acumula mais humidade e também à sombra de algumas árvores de maior porte. Tradicionalmente eram cortados e serviam para a “cama” dos animais, nomeadamente os porcos.

As formas mirandesa e portuguesa, tal como a forma castelhana *helecho*, provêm do latim tardio *filictum* que, segundo Machado (1990), parece ter substituído *filix*, de que é diminutivo.

**Lhino**, *Linum usitatissimum*

O linho foi uma cultura bastante difundida nesta região mas que hoje praticamente desapareceu. Tradicionalmente era cultivado em pequenos terrenos, alagadiços ou próximos de cursos de água, sendo depois utilizado para o fabrico de algumas peças de vestuário, nomeadamente camisas, e também de outros tecidos de uso doméstico, toalhas, lençóis, panos, entre outros. Para além disso, a linhaça, em mirandês *lhinaça*, era também utilizada para fins medicinais, nomeadamente para constipações e mesmo pneumonias.

Etimologicamente deriva do latim *linum*, verificando-se na forma mirandesa duas das características da sua evolução deste o latim: a palatalização de *l-* inicial e a conservação do *-n-* intervocálico.

**Nebro**, *Juniperus oxycedrus*

O *nebro* (também designado *niebro*), é uma das árvores mais emblemáticas das arribas do Douro. Crescem, solenes e solitários, em terrenos pedregosos, mas também junto aos muros de muitas propriedades pois os agricultores conhecem muito bem a sua utilidade.

A primeira, rara e quase já desaparecida, era para fazer *azeite de nebro*. Servia para curar as feridas. A segunda, era para alimentar os animais. No Inverno, quando a alimentação escasseava, cortavam-se os ramos de *nebro* que eram disponibilizados ao gado vacum para se alimentar. A terceira, devido à grande resistência da sua madeira, é para a construção, servindo para vigas, caibros e também para ombreira em muitas entradas.

Refira-se também que as bagas de *zimbro* são conhecidas, em mirandês, como *bulhacos de nebro*. Em algumas regiões portuguesas (Beira Alta) e outras do mediterrâneo, nomeadamente no sul da França, elas são muito apreciadas como condimento. Na Terra de Miranda desconhecemos esse uso comum. No entanto, quando maduras, no Inverno, elas são um óptimo alimento para algumas espécies de aves que passam pela região e, como muito bem me lembro, eram também comidas pelos humanos.

Etimologicamente a forma *nebro* provém do latim *junipĕrus*, tal como a forma castelhana *enebro*. Por sua vez a designação *bulhaca*, segundo Corominas (1991-1997, I, 539), é uma forma de origem incerta embora, possivelmente, do celta *\*bullaca*. O mesmo filólogo acrescenta que todos os testemunhos sobre esta forma se referem à zona leonesa.

**Ouriegano**, *Origanum vulgare*

Os orégãos crescem espontaneamente em alguns locais da Terra de Miranda, sendo utilizados como tempero para algumas comidas.

A forma mirandesa tem origem no latim *orīgānu*, com a ditongação de *o* inicial (tal como em *oupenion*, *oufender*, *ouriente*, *oucaision*, etc.) sendo que a ditongação de *ie* é fenómeno irregular, tal como o *é*, diga-se, o *e* em português e também em castelhano (*orégano*) (Vasconcelos: 1901: 206). Talvez por isso, se registem em mirandês, outras formas como *ourégano* e também *ourego*.

**Pies-de-burro**, *Romulea bulbocodium*

Os *pies de burro* são uma pequena planta, de flores violáceas, que nasce e cresce, no dealbar da Primavera, em lameiros, acompanhando geralmente a floração das *campaninas*.

Os nomes comuns em português são, entre outros, *nosilha* e *romúlea*. Embora, segundo nos informaram, os bolbos sejam comestíveis, não a colocámos nessa categoria porque, dizem-nos também, agora já se não comem.

Em castelhano encontramos igualmente uma grande variedade de designações comuns tais como *azafrán portugués montesino*, *calabacilla*, *cebollina*, *curcubillas*, *leza* e *lirio de las calabacillas*.

Portanto, nenhuma forma semelhante à mirandesa. Cremos, por isso, que a motivação para o nome poderá estar no facto de estas flores, rasteiras, crescerem nos lameiros ou terrenos de pasto como se nascessem nos locais onde os burros colocam as patas.

**Romeiro, rosmanino**, *Rosmarinus officinalis*

Do latim *rosmarinu-*, chegaram ao português algumas designações como *rosmanino*, *rosmarinho* e *rosmano*. Em mirandês, para além da foram *romeiro*, que nos parece ser a mais comum, podemos também ouvir *rosmanino*. Para além disso, esta planta da família das Labiadas, aplicado em medicina e perfumaria, recebe também outros nomes tais como *alecrim*, *alecrineiro* ou *alecrinzeiro*, formas que procedem do árabe *al-iklil*, mas também *arçã*, *arçanha*, de origem obscura.

Quanto à forma mirandesa, *romeiro*, que aqui nos interessa especialmente, ela está próxima do castelhano *romero*, procedendo, por isso, do latim *ros maris*, mas não sendo de excluir que o mirandês a tenha importado directamente do castelhano.

Relativamente ao seu uso tradicional, para além de seu valor ornamental, ela era usada como sinal de Primavera sendo colocada, como enfeite, nos ramos de oliveira levados no Domingo de Ramos.

**Spineiro, pilriteiro**, *Crataegus monogyna*

*Spineiro* e *pilriteiro* são duas das designações que podemos encontrar, em mirandês, para este arbusto cuja madeira é muito apreciada para fazer as tradicionais *punteiras* da gaita-de-foles mirandesa.

Enquanto a forma *pirliteiro*, comum ao português, está certamente relacionada com o castelhano *pirlitero*, com metátese de *pilriteiro*, a forma

*spineiro* facilmente se relaciona também com *spinus* (espinhos) que esta árvore tem ao longo dos seus ramos.

É a mesma metátese, de *pilrito* por *pirrito*, que encontramos na designação dos seus frutos, tal como se pode ouvir nesta cantilena:

Pilriteiro que dás pilritos  
Porquei nun dás cousa buona?  
Cada un dá l que ten  
Cunforme la sue persona.

### **Xara, *Cistus ladanifer***

Estamos em presença de mais um arabismo que se conservou na região mirandesas. Para além da planta, registe-se a igualmente a ocorrência do topónimo *xaral*, que tanto pode designar um lugar coberto de *xaras* como uma terra cheia de vegetação, significado que provém igualmente do árabe e que está na origem da própria palavra *xara*.

A planta, depois de seca é muito utilizada para aquecimento, nomeadamente para acender as lareiras.

### **Algumas conclusões**

- O homem mirandês viveu (e vive) de mãos dadas com a Natureza. Nomeou-a, descobriu-a, tratou-a como um todo. É este o sentido da verdadeira ecologia, ou seja, há harmonia entre a Terra e o Homem;
- As designações “mirandesas” abraçam a supraterritorialidade que lhe advém da sua situação histórico-geográfica, fazendo do mirandês uma língua mas que beneficia do contacto entre diferentes idiomas;
- Os nomes comuns em mirandês revelam-se de interesse para a história da língua, pois neles podemos identificar algumas cadeias etimológicas desaparecidas ou menos transparentes em outros idiomas. Por outro lado, neles se descobre também um pouco do génio criador da língua, ou seja, da malha com que se tece e ordena o seu mundo;
- É necessário prosseguir os estudos pluridisciplinares, nomeadamente no campo da etnobotânica e da etnolinguística, quer para a descoberta e valorização das identidades locais e regionais, quer para a investigação de outros usos que, de outra forma, seria mais difícil de encontrar.

### Referências bibliográficas

- Alves, António Bárbolo (2007): *Palavras de identidade da Terra de Miranda*. Porto: Pena Perfeita.
- Barros, Anabela Leal de e Alves, António Bárbolo (2010): “Le mirandais, langue du Portugal. Son rôle à l’égard du portugais et d’autres langues romaines”. In: Actas do Congresso Internacional *L’Europe des 27 et ses Langues*, Universidade de Paris VII, 2009 [no prelo].
- Carvalho, A. M. (2010): *Plantas y sabiduría popular del Parque Natural de Montesinho. Un estudio etnobotánico en Portugal*: Biblioteca de Ciencias nº 35. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Castroviejo S. (coord) (1986-2010): *Flora Iberica. Plantas vasculares de la Península Ibérica e Islas Baleares*: Real Jardín Botánico, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Corominas, J. e Pascoal, José Antonio (1991-1997): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Editorial Gredos.
- Cunha, Antônio Geraldo da (1986): *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Diccionario de la Lengua Española* (2001). Internet. Disponível em <http://buscon.rae.es/draeI/>
- Figueiredo, Cândido (1913): *Novo dicionário da língua portuguesa*. Internet. Disponível em <http://www.gutenberg.org/ebooks/31552.bibrec.html> (consultado a 25/10/2010).
- García Árias, Xosé Lluís (2008): *Propuestas etimológicas (3)*. Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana.
- Machado, José Pedro (1990): *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Menéndez Pidal, Ramón (1941): *Manual de Gramática Histórica Española*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Migueléiz Rodríguez, Eugenio (1993): *Diccionario de las Hablas Leonesas*. Ediciones Monte Casino: León.
- Pires, Moisés (2004): *Pequeno vocabulário mirandês-português*. Miranda do Douro: Câmara Municipal.
- Vasconcelos, José Leite (1900): *Estudos de philologia mirandesa*. Imprensa Nacional: Lisboa.



Fig. 1. Arribas do Douro.

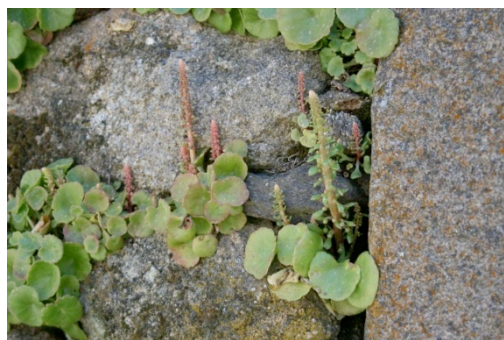


Fig. 2. **Azedas de la raposa**, *Umbilicus rupestres*.



Fig. 3. **Fenolho**, *Foeniculum vulgare*.



Fig. 4. **Gamon**, *Asphodelus ramosus*.

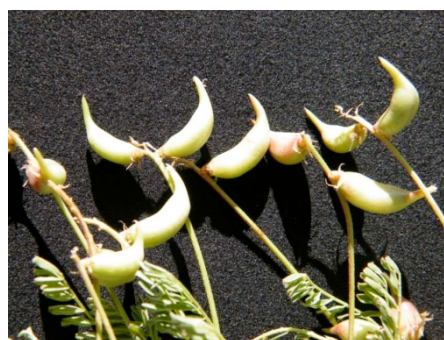


Fig. 6. **Carniçuolo**, *Astragalus cymbaearpos*.

Fig. 5. **Monhicreiro**, *Digitalis purpurea*.



Fig. 7. **Çapateta, cuostelicas**,  
*Astragalus pelecinu*.



Fig. 9. **Ambude**, *Oenanthe crocata*.

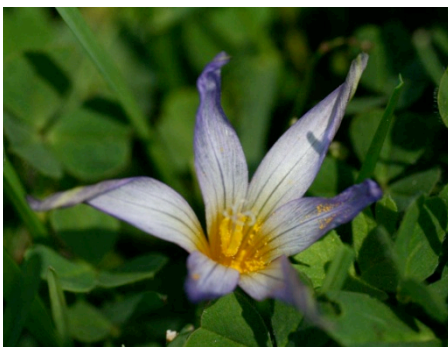


Fig. 11. **Pies-de-burro**,  
*Romulea bulbocodium*.



Fig. 8. **Tomilho-burriqueiro**,  
*Lavandula pedunculata*.



Fig. 10. **Campanina**, *Narcissus bulbocodium*.



Fig. 12. **Xara**, *Cistus ladanifer*.